

A homossexualidade no século XIX: Historiografia, fontes, possibilidades e problemas.

Por Daniel Vital dos Santos Silva

Resumo: Na produção historiográfica nacional sobre a homossexualidade, os estudos que se propõe a problematizar fontes datadas do século XIX ainda são minoritários quando comparados com trabalhos que analisam o período colonial ou o século XX. Ainda assim, grande parte dos autores reconhecem a importância dos debates médicos e jurídicos sobre a homossexualidade, que embora tenham tido maior penetração a partir das décadas de 1910 e 1920, foram elaborados ainda no contexto final dos oitocentos. Um dos motivos apontados para esta ausência é o exíguo número de fontes que podem ser acessadas pelo historiador. Neste artigo, pretendo realizar um balanço das principais contribuições historiográficas para o estudo do tema, bem como apontar as possibilidades e problemas encontrados pelo historiador quando trabalha com fontes datadas do período, visando mostrar que, apesar da pouca quantidade, é possível, com os devidos cuidados, analisar a produção discursiva sobre a homossexualidade no século XIX, sobretudo tomando como referências fontes médicas.

Introdução:

Nas últimas décadas, o lugar dos homossexuais na história e do “amor que não ousava dizer o nome”, se configurou como um dos campos férteis em termos de produção historiográfica. Não é de admirar que tal ocorra, dado os debates ambientados em jornais, revistas, redes sociais, programas de rádio e televisão que tratam da temática LGBT, sobretudo no que diz respeito à necessidade de políticas públicas e amparo legal para este segmento da população brasileira. Este processo se deu em paralelo à constituição de organizações formadas por pessoas LGBT e preocupadas com as demandas desta população, a exemplo do GGB – Grupo Gay da Bahia – ou do Grupo Som os.

O número de teses, dissertações, monografias e artigos que de alguma forma tratam do tema cresceu significativamente. Sociólogos e antropólogos têm desenvolvido trabalhos muito sofisticados sobre a atuação da população LGBT como grupos de solidariedade, bem como os que se dedicam aos estudos culturais, especialmente dentro do guarda-chuva representando pelos Estudos Queer. Em relação à História, e à realidade, é bem parecida: a produção aumentou de maneira significativa, a ponto de existirem até mesmo revistas especializadas como a Bagoas, periódico da UFRN.

Contudo, existem períodos privilegiados pela historiografia nacional. Os três séculos de Brasil colônia, com a assombrosa quantidade e qualidade das fontes inquisitoriais, e o século XX pela possibilidade de acompanhar a disseminação do discurso médico sobre a homossexualidade, e, mais tarde, o surgimento do movimento gay, lésbico e transexual. O século XIX costuma ser um período muito pouco visitado – ainda que se busquem neste período as “origens” dos discursos médicos sobre a homossexualidade, sobretudo a partir dos anos 1870 (GREEN e POLITO, 2006, p.p. 18-24). Neste artigo, vou me deter, justamente, nas peculiaridades do estudo da homossexualidade no século XIX. Pretendo demonstrar a importância da historiografia, seus limites e potencialidades, bem como as possibilidades de pesquisa e problemas que poderiam ser abordados a partir da produção médica sobre o tema no período.

Historiografia sobre a homossexualidade no século XIX.

Um dos primeiros e mais originais trabalhos sobre a homossexualidade no Brasil e, que abordou o período, foi o clássico de João Silvério Trevisan, *Devassos no Paraíso*, cuja primeira edição data de 1986. Trabalho de fôlego, que se propunha a abordar o período da colônia aos anos 1970, passando, naturalmente, pelo século XIX. Trevisan demonstrou o papel das elites em construir um pensamento homofóbico, usando como principal agente o Estado higiênico burguês profundamente preconceituoso e segregador. Este teria penetrado com ideias e valores no seio das famílias por meio da atuação do médico em esferas antes tão restritas como o casamento e a criação dos filhos, para realizar a defesa de um lar higienizado, requisito para uma sociedade civilizada. Os doutores alertavam para o perigo dos excessos que aproximavam a sociedade brasileira da imoralidade e da degeneração, dentre os quais, naturalmente, estavam às múltiplas referências à homossexualidade, seja como sodomia, pederastia, libertinagem, perversão, vício infamante, etc. Especialmente preocupados em melhorar o padrão reprodutivo, os médicos ajudaram a formular a reconfiguração dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres ao longo daquele período, sobretudo relacionando a figura do pai à esfera pública, e a figura da mãe à esfera privada. Assim, as eventuais fugas aos padrões, representadas por onanistas, celibatários, sodomitas, libertinos, alcoólatras e loucos eram inadequações em dois registros: nos hábitos detestáveis dos indivíduos que podiam levar a doenças e à morte, bem como na incapacidade de desempenhar o papel mais necessário e imediato do homem: o de pai/cidadão. Corolário destas duas incapacidades, o libertino, sodomita, pederasta, etc. Se convertia em um ente inadequado para o desempenho das tarefas públicas, como a política.

Outros trabalhos muito significativos sobre o tema são os de Luiz Mott. No artigo, *Teses Acadêmicas sobre a Homossexualidade no Brasil*, o autor realizou um levantamento sobre os trabalhos tratando da homossexualidade no Brasil nos últimos 150 anos, citando algumas teses datadas do século XIX. Em outro trabalho, intitulado *Sodomia na Bahia* (MOTT, 1999, paginação irregular) o autor demonstrou que os jornais no período não deixavam passar em branco a atuação destes sujeitos divergentes. Assim, um dos periódicos dos meados do século XIX faz referências negativas a duas mulheres que viviam em “íntima camaradagem” até o dia em que uma, desejando atender seus “brutais apetites”, e vendo as negativas da outra, termina por agredir a companheira e disparar imprecisões contra a virgem Maria.

Mais a frente, o autor se referiu a uma das teses da Faculdade de Medicina, datada de 1898, na qual o jovem médico Domingos Firmino Pinheiro se referia aos “androfilistas” e “homossexuais” passivos e ativos de forma bastante detalhada, relacionando biografia, ascendência, temperamento, hábitos e doenças. Esta abordagem prosseguiu em outra obra, o *Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia séculos XVI-XIX*, na qual o autor apresentou todas as outras pequenas biografias dos androfilistas estudados por Pinheiro, além de outras mais, demonstrando o tipo de operação que os médicos baianos desenvolviam na análise das práticas homoeróticas de certos sujeitos naquele período.

Peter Fry, por sua vez, seguiu outra rota para a análise da homossexualidade no século XIX, mais próxima da de Trevisan. Em seu famoso, *Para Inglês Ver*, o autor evidencia que existe uma relação íntima entre a construção de padrões de masculinidade ao longo de todo o século XIX, e as referências à homossexualidade, pensada mais como uma maneira de categorizar indivíduos divergentes com atributos fixos e bem marcados, inclusive em sua biologia (FRY, 1982, p.p. 87-115). Entretanto, é necessário ressaltar que existiu uma diversidade de enquadramento determinada pelo lugar social e pelo formulador – se médico, advogado, etc. Assim, enquanto os jornais pedem a atuação da polícia para escravos ou arraia-miúda, de sujeitos que tinham práticas homossexuais, os médicos vão lentamente conceber uma forma de atuação mais ligada à abordagem dos sujeitos enquanto doentes, e não apenas criminosos.

James N. Green e Ronald Polito, na pequena obra-prima intitulada *Frescos Trópicos* (2004), aprofundam a reflexão sobre as fontes que tratam da homossexualidade no século XIX, demonstrando claramente que a abordagem sobre o tema pela medicina se realizou em paralelo à abordagem policial – embora a produção discursiva mais importante tenha sido a dos médicos, a qual vai adquirir maior relevância, e até certa primazia nas elaborações sobre a homossexualidade nos novecentos. Também citaram algumas obras de produção literária, sobretudo naturalista, que de alguma maneira faziam referências às homossexualidades feminina e masculina. Obras como; *O Ateneu*, *Bom Crioulo* e *O Cortiço*, retrataram com cores bem pesadas a vivência da homossexualidade no final dos oitocentos, perigosamente situada próxima do crime, da doença e da degeneração social.

Mais recentemente, a extensa e quase exaustiva obra de Carlos Figari, *@s Outr@s Cariocas* (2007) retomou o debate sobre a homossexualidade no século XIX. Mergulhando fortemente na produção jornalística do período, seu autor demonstrou como o mundo do teatro e dos atores e boêmios frequentadores dos largos do Rocio e do Teatro, de cafés e boticas, das relações senhoriais marcadas pela sensualidade do dandismo tropical que soava fora de lugar e transgressor, foi apropriado pela medicina social do

dandismo tropical que soava fora de lugar e transgressor, foi apropriado pela medicina social do XIX para constituir sujeitos desviantes enquanto adversários que deveriam ser combatidos. Este processo deu-se, entretanto, construindo a homossexualidade como uma mácula, mas ainda sem a formulação mais rigorosa que coube aos médicos e juristas nas décadas de 1910, 1920 e 1930. O período anterior foi marcado, em contraste, por débeis interpelações:

Este é precisamente o *quid*^a da época, uma série de indefinida de questões, perguntas abertas, opiniões que não redundariam em interpelações concretas ou norma alguma que regulasse tais condutas. A produção discursiva sobre o homoerotismo do ponto de vista das classificações e controle do desejo caberá ao próximo século (FIGARI, 2007, p. 231)

Com efeito, este pode ser o *quid* de uma época quando se leva em consideração a abordagem e as fontes estudadas por Figari ou por outros autores. Entretanto, a produção médica que resultou na patologização da homossexualidade ainda em finais do século XIX possuía uma intenção classificatória que não pode fugir à análise do historiador; certamente, não com a mesma sofisticação de autores do século XX, nem tampouco com a mesma possibilidade de inserção fora dos limites do campo médico, ou quando muito, da medicina legal. Mas, indubitavelmente, as operações conceituais e as práticas sociais inspiradas a partir delas foram influenciadas por dilemas e questões formuladas por médicos no período anterior. Basta dizer que, em 1895, as propostas de realização do primeiro Congresso Baiano de Medicina e Cirurgia trouxeram no programa de questões presente nos estatutos, a discussão sobre a inversão sexual no Brasil e na Bahia, destacando suas causas, consequências, formas clínicas e relação com o casamento. No mesmo item no qual foram elencadas discussões sobre a identidade étnica dos mestiços do ponto de vista antropológico, as implicações médicas e sociais dos atentados ao pudor, o tipo de cuidado que era necessário de ser destinado aos alienados. Ou seja: no âmbito dos problemas que a medicina pública brasileira e baiana precisava resolver. (GAZETA MEDICA DA BAHIA, 1895, p. 453-5).

Fontes sobre a homossexualidade na Bahia no século XIX: possibilidades e problemas.

As fontes sobre a homossexualidade no século XIX na Bahia realmente não são muitas, e se encontram dispersas e frequentemente referidas por meio de uma estraté-

a Grifos do autor.

gia eufemística, indutora de muitas confusões. Apenas para ficar em um exemplo antes de passar à análise: as muitas referências a efeminados e adamados podiam parecer muito próximas entres si numa primeira leitura. Ambos estavam situados na zona de transgressão associada aos atributos da boemia, bem vestir e bem viver que o dândi veio a apresentar para as classes urbanas ilustradas durante a segunda metade do século, fenômeno que Figari chamou de dandismo tropical (FIGARI, 2007, p. 291-5). Contudo, existem diferenças entre os significados que os dois termos possuíam, seja nos jornais, na literatura, e até mesmo em teses inaugurais da faculdade de Medicina. Enquanto os adamados eram objeto de desprezo dos demais por um excessivo cuidado com a aparência, especialmente com as roupas, não se colocava em questão o seu sucesso como sedutores de mulheres – muito embora não fossem realmente parceiros recomendáveis (O VETERANO, 1831, p. 1-2). Com o efeminado, a questão era mais severa: eram homens inferiores.

Senão vejamos: em um jornal ligado ao partido conservador que circulou no final dos anos de 1868 e 1869, as referências a um dos figurões do partido liberal sempre eram feitas no feminino. Ao longo de várias edições, quando eram feitas críticas à atuação dos políticos – burros, corruptos, etc. - um deles, o Dr. Gustavo, era tratado como um homem efeminado, inadequado para as funções políticas. Havia entrado na política depois de “dominar Sodoma”, e participando do governo que conduziram a província aos maiores desmandos (OS DEFUNCTOS, 1868, p. 4). A relação traçada aqui, entre efeminação, Sodoma e a incapacidade política revelou o tipo de discurso da homossexualidade enquanto uma inadequação, uma forma de masculinidade que era subalterna a modelos mais adequados daquilo que a sociedade entendia como próprio ou impróprio do ser homem (PERÓTIN-DUMONT, 2001, p. 3). Já o crioulo José do Ouro foi lembrado nas páginas d’O *Alabama* como um efeminado que andava vestido com roupas femininas e ofendia ao decoro de uma família vizinha. Contra esta atitude desavergonhada, nada de ironias: se exigiam textualmente medidas corretivas do senhor chefe de polícia (SANTOS, 1997, p. 10).

Evidentemente, as referências à homossexualidade sob a rubrica de efeminação não foram as únicas encontradas em jornais. Com o mesmo tom jocoso e indignado, o *Alabama* pedia atenção do senhor chefe de polícia contra um velho bem conhecido do comércio que era verdadeiro corruptor dos filhos-famílias baianos, seduzindo-os para fins libidinosos:

Lá para o largo da Cova sem Onça, mora um velho bem conhecido do nosso comércio e pai de família, o qual com o maior descaro seduz aos filhos famílias, á fins libidinosos a nada temer. Este salafrário além de não gostar da imagem de S. Henrique e nem pertencer a confraria de S. José, entende praticar todas estas bandalheiras. Em um dos dias da semana atrasada, este

miserável convidava, em uma certa rua um pobre menino, descaradamente às 6 horas da tarde o qual com certeza havia de ter satisfeito os instintos depravados d'este famigerado que pelos seus crimes já devia estar degradado na ilha de S. Fernandes. No entanto, tem este safado filhos, e consta-nos até ter filhas casadas e com netos, pratica d'estas e outras ações. Não podemos, portanto, Sr. capitão, deixar de chamar para esta féra de carne humana a atenção do Sr. Dr. Chefe de policia. Ficarei sempre na expectativa. Até a volta. (O ALABAMA, 1887, p.p.1-2)

Neste caso, embora a identidade do “velho vampiro” não tenha sido revelada pelo jornal, o pedido de providências do chefe de polícia demonstrou que a homossexualidade não só era digna de atenções como demandava algum tipo de repressão por parte do Estado, sobretudo nos momentos em que era associada a riscos para a mocidade no século XIX.

Um fenômeno bem parecido aconteceu com a literatura. As referências à homossexualidade, com efeito, apareceram apenas no final do século XIX, na safra de textos realistas e naturalistas. São fontes inestimáveis porque os sujeitos divergentes apareceram como elementos dotados de uma enorme ambivalência moral e perigosamente próximos da corrupção, como veremos abaixo.

Os jovens efeminados também apareceram em textos literários – em verdade, constituem parte relevante das referências à homossexualidade em suportes deste tipo. N' *O Ateneu* (1888), obra de Raul Pompeia, a efeminação foi mostrada nos colégios, justamente no espaço formador da elite dirigente da população brasileira, e que pode ser compreendido como uma das instituições mais importantes no papel de inculcador dos códigos de masculinidade nos meninos (PERÓTIN-DUMONT, 2001, p. 4). O encontro com o mundo que o colégio representou para Sérgio foi traumático, perigosamente próximo da passividade desvirilizadora que o autor representou de forma caricata nos colegas que namoravam outros rapazes desempenhando o papel feminino. Indolentes, sensíveis, frequentemente vitimados por colegas mais fortes, pouco se podia esperar de meninos formados em ambiente tão insalubre, como alertava ao novato um dos colegas veteranos:

Os gênios fazem aqui dois sexos, com se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.” (O ATENEU, 1888, p. 71)

Forjar um homem era um processo difícil, repleto dos riscos e incertezas representados por outras formas de masculinidade, que eram subalternas em relação aos atributos dominantes, representados pela força tanto moral como física. Neste trecho, a efeminação adquiriu os contornos de uma inversão do masculino que deveria ser negada no processo de fazer-se homem.

Em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), o risco foi ampliado, já que os personagens, como o efeminado e travestido Albino, foram resultantes de um ambiente não apenas insalubre, mas corruptor até as últimas consequências. Daí advém tanto a inversão do comportamento nesta personagem, como o alerta do tipo de relações monstruosas que a falta de higienização ou, ao menos, de vigilância da sociedade em certos espaços poderiam gerar (SILVA, 2013, p. 9-12). Já *Bom-Crioulo* (1895) de, Adolfo Caminha, colocou uma relação entre dois homens exatamente no centro da trama. Representada como aberrante e viciosa, um caso de inversão sexual onde um negro ex-escravo sem instrução obedeceu às tendências homossexuais degeneradas de sua natureza, conforme a medicina legal havia estudado. (CAMINHA apud VALENTIN, 2013, p. 3).

Estas últimas considerações, presentes nos três romances, nos quais a efeminação foi colocada como um percalço no fazer-se homem ou como caminho certo para a inversão sexual e a degenerescência casam perfeitamente com o tipo de discurso que foi encontrado nos documentos que compõem a parte mais importante do corpus documental da minha pesquisa, qual seja, as teses inaugurais da Faculdade de Medicina da Bahia defendidas entre 1853 e 1898. Destas, apenas uma tem por objeto a homossexualidade. Chama-se *O Androphilismo*, e foi sustentada em 1898 por Domingos Firmino Pinheiro. As outras, por sua vez, tratam do assunto quando se referem a outras temáticas, como o onanismo, a higiene nas escolas, a prostituição, o celibato, a masturbação, a histeria, mas apresentaram referências, por vezes muito significativas, sobre a homossexualidade. Grosso modo, entendo que um critério pode ser adotado para organizar o entendimento sobre a produção discursiva dos médicos baianos sobre o tema: num primeiro momento, seria um hábito detestável, perigoso, que era preciso vigiar para que não ocorresse. Qualquer pessoa – especialmente libertinos, internos em colégios ou celibatários – poderia adquirir o vício da sodomia, ser vitimado pela pederastia, ou agir como um efeminado. As consequências destes hábitos eram severas, já que estas práticas eram a antessala de graves doenças e da morte. Os efeminados, coincidindo com o que foi referido acima em relação aos jornais, foi sempre tratado com maior gravidade: seus praticantes não eram apenas pederastas ou sodomitas, caso em que o problema estava encerrado em si próprios; eram também sintoma de uma patologia social mais ampla, vagamente definida como degenerescência, que poderia levar à queda das civilizações (BRITTO, 1853, p. 4-5).

Já no segundo momento, que corresponde justamente aos anos 1890, o problema que a homossexualidade representava se tornou mais grave: era uma patologia mais bem definida do que anteriormente, que mobilizava os médicos para a combaterem o mais rápido possível. Enquanto doutores dos anos 1860, por exemplo, viam a possibilidade de os médicos curarem os sujeitos desviantes por meio do casamento ou impedir que se adquiram hábitos nocivos (BARROS, 1868, p. 10-11), Pinheiro alertou que a efetividade do tratamento era limitada (PINHEIRO, 1898, 174-187). Eram menos difíceis de resolver satisfatoriamente os casos do androphilismo adquirido, sobretudo nos casos em que o doente era ativo na relação sexual. Para estes, a sugestão hipnótica, mudanças de dieta, rotina de exercícios físicos e alguns remédios poderiam resolver a questão. Para outros, o caminho mais justo era o asilo e o perpétuo acompanhamento médico inclusive para evitar que de alguma maneira estes sujeitos se reproduzissem e transmitissem a seus descendentes a mácula terrível do androphilismo. Além das escassas possibilidades profiláticas, Pinheiro defendeu a necessidade de pensar a homossexualidade em termos de suas implicações legais (IDEM, 1898, p. 189-200). Aqueles que eventualmente fossem vítimas desta perturbação psíquica, colocados em estado de profundo sofrimento, deveriam ser tratados, e eventualmente asilados; por outro lado, os extravagantes deveriam experimentar a pesada e enérgica lei penal na defesa do pudor público. Pinheiro se conectava ao pensamento de outros médicos baianos e brasileiros, que demandavam o estudo da inversão sexual sobre a ótica da medicina legal, colocando em termos bastante claros até onde era possível punir estes sujeitos criminalmente, ou apenas tratá-los. Assim, escrevia o doutor Costa Dória, alguns anos antes, sobre as reformas do código penal:

É decente e razoável não trazer a barra dos tribunaes como o da pederastia de profissão; a sociedade nada lucraria com o escandalo do processo; quando porem se trata de ferimentos devidos á união carnal contra a natureza de um ou outro sexo, por meio de violência, ameaça ou sedução, a lei deve punir o crime com mais severidade para o que deve ter artigo especial. (DORIA, 1893, p. 150)

Evidentemente, tanto na possibilidade de prisão quanto de asilamento, o objetivo expresso nestes discursos era tirar estes sujeitos de circulação, colocando-os propriamente sobre a tutela do Estado ou da medicina.

Considerações Finais:

Neste artigo, tentei demonstrar que as referências à homossexualidade produzidas no século XIX são plurais. As formas de se referir ao assunto são variadas – vícios, libertinagem, sodomia, pederastia, amor grego, etc. -, e apenas no final do século os autores fazem referências diretas ao tema. Sem embargo, estes são dois elementos que dificultam profundamente o estudo do assunto ao longo do período. Mas, existe outro, talvez mais inquietante: pouca documentação produzida pelos sujeitos, ou nas quais fosse possível encontrar o pensamento dos homossexuais a respeito de si próprios, a exemplo de cartas, diários, ou processos-crime, está disponível para consulta. Em certa medida, o olhar que se pode dirigir para o processo de construção da homossexualidade no século XIX a partir destas fontes está mais próximo de uma análise institucional e, como tal, eivada das construções de médicos, juristas, literatos ou jornalistas sobre o assunto, e pouco atenta às subjetividades ou construções identitárias dos sujeitos. Da mesma forma, importante destacar que o tipo de punição prescrita aos desviantes era condicionada ao lugar social de cada um. Para o crioulo José do Ouro, para o Albino, de *O Cortiço*, ou para os androphilistas efeminados e passivos, que viviam na miséria, mas eram demasiados extravagantes, descritos por Pinheiro, cabia o peso da lei. Para sujeitos menos indesejados, a questão poderia ficar nas insinuações, na lembrança de uma infância traumática, se tentaria o melhor tratamento que a hipnose, exercícios físicos, a convivência com mulheres e alguns remédios poderiam oferecer.

Entretanto, isto não significou e não deve significar a impossibilidade de análise do assunto, já que algumas referências permitem maior possibilidades de entradas para estudo. Este foi o caso do conjunto de falas obre a efeminação, presentes em todas as fontes. Dentro da perspectiva dos estudos de gênero, onde masculinidades e feminilidades se constituem atuando enquanto categorias transbordantes de significados atribuídos ao que cada época e lugar foi considerado como próprio do homem ou da mulher, inclusive pela negação de possibilidades alternativas (SCOTT, 1985, p. 21-2 e 28-9), a efeminação emergiu como referência que podia ser feita às masculinidades subalternas, perigosamente próximas da homossexualidade. No processo de afirmação da masculinidade dos sujeitos históricos naquele período, sobretudo os que pertenciam ao universo urbano brasileiro, no qual os romances, jornais e teses eram produzidos e circulavam, era indispensável não se tornar um invertido sexual afastando tanto quanto possível toda a possibilidade desta ocorrência. Daí o alerta dos jornais, romances e teses em relação tantos aos hábitos nocivos dos sujeitos efeminados, que poderiam degenerar na pederastia, sodomia ou androphilismo, em suma – na ho-

mossexualidade. Daí, igualmente, o combate que no final do século XIX começou a se desenhar em algumas especialidades da medicina, como a higiene e a medicina legal, que desejavam demonstrar muito claramente os lugares que eram atribuídos aos sujeitos no corpo da nação. Em paralelo da construção e disseminação de um pensamento racista, que consagrava a inferioridade natural de negros e mestiços reservando a eles um papel subordinado na sociedade, os homossexuais também foram estigmatizados por um saber que os colocava numa posição bem parecida de inferioridade biológica. Contra os doentes anormais aberrantes, em última análise seres involuídos, dentro da escala evolutiva e que não compreendiam bem o seu lugar, o pensamento sobre a homossexualidade, sobretudo de ordem médica, veio atuar em peso na defesa da sociedade.

Referências:

FIGARI, Carlos. **@s Outr@s cariocas**: Interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro - séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 588p.
FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 135p.

GREEN, James N. POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. 192p.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Homossexuais na Bahia**: Dicionário Biográfico. Século XVI-XIX.. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999. 200p.

_____. **Sodomia na Bahia**: o amor que não ousava dizer o nome. In: <http://www.inquice.ufba.br/00mott.html>. Acesso dia 20 de jul de 2014.

_____. **Teses acadêmicas sobre a homossexualidade no Brasil**. XXXIX Seminar on the Acquisition of the Latin American Library Materials (SALALM) Salt Lake City, Utah, USA 29 May – 2 June, 1994. XXXIX Seminar on the Acquisition of the Latin American Library Materials,

PÉROTIN-DUMON, A. **Masculinidad**. In: _____. El género en historia, Institute of Latin American Studies, University of London, 2001. Disponível em:

http://americas.sas.ac.uk/publications/genero/genero_portada.htm. Acesso em abril de 2013.

SANTOS, Jocélio Telles dos. **Incorrigíveis, afeminados, desenfreados**. Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. In: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3234.pdf>. Acesso dia 25 de out. de 2012.

VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido. **A recepção crítica e a representação da homossexualidade no romance Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha**. Disponível em:

<http://www.mafua.ufsc.br/numero20/ensaios/leandro.html>. Acesso dia 12 de ago de 2014.

Fontes:

Literárias:

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. 2ª Edição. São Paulo: Ateliê editorial, 2005. 321 p.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. 216 p.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Organizações Simões, 1956.

Periódicos:

DÓRIA, José R. da Costa. Deve-se modificar o Código Criminal brasileiro de acordo com os progressos da medicina e da sociologia? *Gazeta Médica da Bahia* Salvador, p. 245-151, out 1983. Mensal

O ALABAMA. Salvador: tipografia de Marques, Aristides e Igrapiúna. 1866-1882. Semanal.

OS DEFUNCTOS. Salvador: Tipografia constitucional & Tipografia de França Guerra. 1868-1869. Semanal.

O VETERANO ou o pai do filho da terra. Rio de Janeiro: Tipografia imperial e constitucional de Seignot-Plancher. 1831. Semanal.

Teses da Faculdade de Medicina da Bahia:

BRITTO, Marinonio de Freitas. A libertinagem e seus perigos referentes ao physico e moral do homem. Tipografia de Vasco Ferreira de Oliveira Chaves, 1853.

BARROS, Francisco Borges de. Influência do Celibato sobre a Saúde do homem. Salvador: Tipografia do Diario, 1869.

PINHEIRO, Domingos Firmino. O Androphilismo. Bahia: Imprensa Economica, 1898. 215p.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. 216 p.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Organizações Simões, 1956.

Periódicos:

DÓRIA, José R. da Costa. **Deve-se modificar o Código Criminal brasileiro de acordo com os progressos da medicina e da sociologia?** *Gazeta Médica da Bahia* Salvador, p. 245-151, out 1983. Mensal

O ALABAMA. Salvador: tipografia de Marques, Aristides e Igrapiúna. 1866-1882. Semanal.

OS DEFUNCTOS. Salvador: Tipografia constitucional & Tipografia de França Guerra. 1868-1869. Semanal.

O VETERANO ou o pai do filho da terra. Rio de Janeiro: Tipografia imperial e constitucional de Seignot-Plancher. 1831. Semanal.

Teses da Faculdade de Medicina da Bahia:

BRITTO, Marinonio de Freitas. **A libertinagem e seus perigos referentes ao physico e moral do homem**. Tipografia de Vasco Ferreira de Oliveira Chaves, 1853.

BARROS, Francisco Borges de. **Influência do Celibato sobre a Saúde do homem**. Salvador: Tipografia do Diario, 1869.

PINHEIRO, Domingos Firmino. **O Androphilismo**. Bahia: Imprensa Economica, 1898. 215p.^a

i Historiador, mestrando em História social pela Universidade Federal da Bahia na qual discute as formulações sobre a homossexualidade realizadas pelos médicos no século XIX. Colaborador do Núcleo UniSex (www.nucleounisex.org).